

Quero começar por **agradecer à presença** de todos os convidados para participar nesta palestra, em particular aos nossos oradores.

Nestas primeiras palavras de apresentação, pretendo começar por evocar os 30 anos de Demarcação da Bairrada, que se comemoram este ano de 2009.

Com efeito, foi em 28 de Dez de 1979 que finalmente foi publicada a **Portaria n.º 709-A/79**, a qual, logo no seu nº 1, veio reconhecer a designação «Bairrada» como denominação vinícola de origem reservada aos vinhos típicos, brancos e tintos, tradicionalmente produzidos na região demarcada.

Dissemos finalmente, porque se tratou de uma longa aspiração dos agentes económicos e sociais da região, como aliás reconheceu aquele diploma, ao referir no seu preâmbulo: “*A região da Bairrada é de longa data conhecida como produtora de vinhos de qualidade.*” E, logo depois “*Assim se explica que já em diplomas legais de 1907-1908 essa região fosse considerada entre as que deveriam ser objecto de demarcação e regulamentação, constando igual orientação de diversos diplomas posteriores, mas tal nunca chegou a efectivar-se.*”

Por outro lado, como reflexo das preocupações nos finais dos passados anos 70, referia ainda a Portaria que “*O Governo, consciente da preocupante situação da viticultura nacional e compreendendo as razões das reclamações que têm vindo a ser feitas (...) manifestou (...) o seu propósito de demarcar com a brevidade possível novas regiões (...)*”.

Estávamos portanto há 30 anos, a preparar já em clima democrático um rumo para a nossa economia, o qual viria a resultar na Integração Europeia. As denominações de origem que se desenvolveram desde então, quer no sector vitivinícola quer em muitos outros de sector agro-alimentar, foram um instrumento considerado necessário para proteger os produtores locais num mercado alargado e mais competitivo.

Vale a pena nesta altura lembrar que se entende por Denominação de Origem (DO) o nome de uma região, de um local determinado ou, em casos excepcionais, de um país, que serve para designar ou identificar um produto: 1º Originário dessa região, desse local determinado ou desse país; e 2º Cuja qualidade, ou características se devem, essencial ou exclusivamente, ao meio geográfico, incluindo os factores naturais e humanos, e cuja produção transformação e elaboração, ocorrem na área geográfica delimitada.

Nos dias de hoje em que a globalização económica é ainda mais acentuada, parece-nos que as Denominações de Origem continuam a fazer todo o sentido. Mas **devemos agora questionar**, com toda a humildade: 1º foi este processo da DO importante também para a Bairrada? 2º Assegura a DO por si só, necessária e permanentemente, o sucesso comercial para os produtos que dele beneficiam?

Com base na nossa leitura da experiência da Bairrada, permito-me responder do seguinte modo. Relativamente à 1ª questão, parece-me que foi efectivamente importante e necessário para a visibilidade da Bairrada e para o trabalho dos agentes económicos, o reconhecimento da DO. O período inicial de crescimento e expansão da certificação nos primeiros anos é disso a demonstração clara.

Mas em relação à 2ª questão, parece-me que a existência duma DO não é condição suficiente para o sucesso comercial que todos pretendemos. O período de dificuldade e retracção no mercado, porque a denominação Bairrada também já passou, e ainda passa em certa medida, como resultado do que aconteceu com algumas marcas individuais de produtores ou empresas, também parece demonstrá-lo.

Como corolário destas respostas resulta então que será imperioso recorrer a outros atributos para além da consagração da DO, para continuar a merecer a preferência dos consumidores.

Mas entendamo-nos: O reconhecimento dum terroir com o potencial que a Bairrada tem, foi uma conquista dos que nos precederam e estamos-lhes particularmente gratos por isso. Não devemos pretender nunca pôr em causa a denominação, porque isso é diminuir o esforço de muitas gerações anteriores. Também por isso a CVB sentiu **necessidade de homenagear** algumas das personalidades e entidades que mais se têm destacado nestes últimos anos, o que iremos fazer no decurso desta sessão evocativa dos 30 anos de Demarcação.

Porque no passado houve objectivos que foram alcançados, hoje colocam-se talvez ainda mais responsabilidades sobre a geração actual. Afinal todos temos os nossos desafios próprios que não devemos escamotear. E devemos ter a noção de que, para podermos ambicionar estar à altura dos que nos precederam, devemos tentar ir mais além do que o que nos foi legado. A nossa obrigação agora é tentar ir mais longe. E para isso é essencial ter uma visão correspondente às necessidades e aos desejos do nosso tempo.

Estas considerações levam-nos directamente ao tema geral deste Seminário: **Vitivinicultura Competitiva**. Pensamos que o desafio do nosso tempo é o desafio da procura incessante da qualidade da DO, que requer mais exigência, melhor organização, maior abertura à inovação, ou se calhar um pouco de tudo isso. A **procura da qualidade global** estende-se a todos as vertentes: desde o ambiente à paisagem de vinha cultivada e ordenada; desde a modernização das adegas à criação de espaços para visitantes e turistas; desde a organização de circuitos enoturísticos à programação regular de eventos e animação cultural. Como sublinhamos, todos, numa intervenção recente a propósito do relançamento do nosso Concurso sobre as Melhores Vinhas da Bairrada, a qualidade do vinho começa na vinha: ao adequar a videira ao solo, ao plantar na exposição e na densidade mais correctas, ao ajustar a cada planta o alinhamento e a técnica cultural. Mas tudo isso são apenas aspectos técnicos de produção, porque depois é ainda preciso atender ao ordenamento do espaço e à qualidade da paisagem, tirar o maior partido possível de cada terroir, valorizar a presença das pessoas no trabalho exigente e persistente das intervenções em cada fase do ciclo da vegetação. Não serão todas estas também fases essenciais para se atingir verdadeiramente uma “*Vitivinicultura Competitiva*”?

Os **indicadores que temos** relativos à certificação Bairrada dos últimos anos, apontam para uma ligeira recuperação dos vinhos tranquilos e um crescimento mais sustentado dos espumantes. Isso tem ainda mais significado se atendermos ao clima de recessão económica global em que temos vivido. Mas estamos evidentemente a falar de valores muito modestos no panorama nacional, o que na verdade não nos satisfaz. Agora se analisarmos em termos globais o desempenho dos produtores e das DO que mais se têm distinguido nos últimos anos, verificaremos que o crescimento e a expansão estão sobretudo do lado dos que mais têm inovado e valorizado a produção própria de uvas. E isso deve estimular-nos para aumentar o peso da Bairrada no conjunto das restantes DO vitivinícolas, que deve ser um dos nossos objectivos centrais.

Não cabe aprofundar neste momento a avaliação do desenvolvimento do sector vitivinícola na Bairrada, muito menos no País. Mas importa sublinhar quão extraordinárias estas 3 últimas décadas têm sido, quanto à **evolução de conhecimentos e de tecnologias** na generalidade dos domínios do saber e das ciências. Todos nos lembramos de alguns exemplos, mas talvez nem todos tenham a consciência de que existe investigação de ponta realizada na nossa região, seja no Biocant, no caso por exemplo do estudo das leveduras locais de qualidade, ou nas nossas

Universidades de Aveiro e de Coimbra, em muitos outros domínios, dos solos às novas tecnologias de comunicação e de georeferenciação. E que se a extraordinária evolução da nossa economia e sociedade vai continuar a marcar o seu ritmo, sucede que a favor de uma maior coesão económica e social, falta ainda estender muitas destas transformações à realidade do nosso meio rural e sobretudo ao trabalho das vinhas nos campos da Bairrada. Teremos de ter uma vitivinicultura cada vez mais científica e de precisão.

O tema da *Vitivinicultura Competitiva* interessa-nos tanto mais, quanto é verdade que é possível reunir na Bairrada as condições de terroir, de castas e de capacidade técnica para produção de vinhos da maior qualidade. Seguramente não apenas de Baga, mas com certeza também de Baga, nos solos e na condução mais indicados. O debate que durante muitos anos nos ocupou, e que em larga medida ainda nos anima, sobre a razão de se marcar ou não a prevalência da casta Baga para a certificação, tem decididamente de dar lugar a trabalhos técnicos mais profundos, que apontem para a combinação mais harmoniosa entre o tipo de solos e as características de cada casta ou tipo de vinho. Como daremos conta mais à frente nesta sessão, ao premiar os vencedores do **3º Concurso de Vinhos Engarrafados Bairrada**, alguns produtores já demonstraram amplamente que atingem níveis de qualidade, de harmonia e de carácter nos seus vinhos, que a crítica especializada distingue e a que o mercado não é de todo indiferente. Agora é preciso que muitos outros tenham também a iniciativa e assumam por inteiro, projectos de excelência, que sejam sustentáveis, tenham ou não uma dimensão familiar.

Temos o privilégio de contar hoje connosco para partilhar da sua experiência e visão sobre este tema da *Vitivinicultura Competitiva*, especialistas consagrados de nível internacional. Vou pedir ao Dr Mário Neves, meu colega de direcção da CVB, que faça a apresentação de cada um dos nossos oradores estrangeiros convidados, antes de lhes dar a palavra. Pela minha parte, passo a apresentar o **Sr Engº Luis Patrão**, que nos brindará com a primeira comunicação.

Trata-se dum jovem enólogo que ainda não tem 30 anos, diplomado pela UTAD e que se encontra desde Jan 2004 na Herdade do Esporão e desde Ago 2005 como Produtor/Enólogo do Vinho VADIO (DOC BAIRRADA). Teve Formação Complementar na UC DAVIS em Nov 2002 e na Fac Bordéus em Abr 2006. Trabalhou também como Enólogo Assistente, em Cousiño Macul, Vale del Maipo, CHILE, de Mar a Abr 2006; foi estagiário de Ago a Dez de 2002, em Rosenblum Cellars, CA, EUA e de Mar a Mai 2003, em Cape Jaffa Wines, SA, AUSTRÁLIA. Estagiou ainda nas vindimas de 2000 e 2001, na Taylor's Port e na Companhia das Quintas, respectivamente.

Muito obrigado pela vossa atenção, Sr. Eng Luis Patrão a palavra é sua.

João Casaleiro